

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1139	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	20 de Agosto de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Delegados portuguezes ao Congresso de Geografia Brasileiro, em S. Paulo



CONSELHEIRO ERNESTO DE VASCONCELLOS — CORONEL ABEL BOTELHO — DR. LOBO D'AVILA LIMA

CHRONICA OCCIDENTAL

O que se passa em nosso país com respeito ao jogo de azar não lembraria nem ao diabo — com licença do illustre poeta Gomes Leal.

Ora o reprimem, ora o consentem, ao sabor das exigencias eleitoraes. Neste momento, por exemplo, está elle sendo consentido com desafô-ro, nas barbas da mesma policia que ainda ha poucas semanas assaltou o club do Dáfundo, levando na rêde algumas senhoras e um general reformado, com grosso escandalo nas familias. Verdade seja que a policia, costumando preparar-se para estes assaltos com barbas postiças, não os realisa senão com um zêlo tão postiço como as barbas.

Mas, afinal, se o jogo não pôde ser proclamado illicito em absoluto, comquanto seja diversão perigosa, porque não se trata de uma vez para sempre de o legalisar?

Sabe-se, está dito e redito, que elementos vários e poderosissimos entram na paixão do jogo: a ambição, a cobiça, o amôr do desconhecido, a combatividade que se exerce em luctas nem sem-

pre incruentas, a avidez de sensações violentas, a ostentação, o desejo de fugir muitas vezes ao tedio da vida desregrada. Sabe-se tambem como a ruina, a deshonra, o suicidio, são o frequente desenlace dos dramas da tavolagem.

Jogar por simples desenfado, e com moderação, não é culpa grande. Mas jogar por vicio, ariscando sommas avultadas como já hoje se vê por cá, é correr e fazer correr a outros, um perigo de immensa gravidade. O desgraçado de quem tão aviltante paixão se apodera — diz um eminente sociologo — parece descer a um tal estado de degradação que chega a perder totalmente o sentido elevado da vida, o uso normal da liberdade e o de todas as suas faculdades, a noção do dever, e o respeito das conveniencias sociaes, porque vida, liberdade, intelligencia, amor, dever, sociedade, tudo é nelle immolado ao idolo nefando. O jogo torna-se despota e o jogador escravo.

A impossibilidade de prohibir o jogo em absoluto aconselha sem duvida uma certa tolerancia. Mas o que é indispensavel é que o Estado cumpra a sua missão de protector dos fracos, multiplicando dentro dos limites do razoavel as barreiras que os defendam contra as capitulações da sua vontade.

Ainda se o jogo fôsse só um vicio de ricos! O que se vê, porém, é que os mais pobres não lhe escapam á influencia nefasta.

Não basta prohibir o jogo só porque elle é um vicio. Vicio é o tabaco, e dos peores, e o Estado não só o não prohibe mas ainda o explora. Vicio, e dos mais mortiferos, é o alcool, e igualmente o explora o Estado. Vicio é a prostituição, e o Estado regulamenta-a.

A'quelles que querem, a todo o transe, a prohibição do jogo, pergunta-se: será essa prohibição exequivel?

Esta questão tem sido para todos os paizes em todos os tempos, e sob todos os regimens, a «eterna questão». Só o principado de Monaco a resolveu a seu modo, e ninguém lhe quer mal por isso. Os lucros de Monte Carlo montam por anno a um milhão, duzentas e cincoenta mil libras esterlinas. Como a percentagem média cobrada pelo banco no acto de apanhar o dinheiro dos jogadores que perderam e de pagar aos que ganharam é de cerca de 1/60 do total das paradas, parece concluir-se que a cifra dos dinheiros que passam durante um anno sobre o tapete da roleta e do trinta e quarenta, deve andar por alguma coisa como setenta e cinco milhões ester-

linos, o que já não é nada feio, mesmo na opinião d'aquelles a quem o jogo horrorisa.

O dinheiro que, afóra este, entra em Monaco, e que lá é gasto em hotéis, divertimentos, luxo de toda a especie, avalia-se em sommas que attingem o espantoso. Propriedades que ha trinta annos valiam ali doze libras por hectare, valem hoje cinco mil, pela mesma unidade de superficie.

Diz-se que em parte nenhuma do mundo se joga mais honradamente que em Monte Carlo. O jogador não corre o menor risco de fraude, tendo apenas contra si a pequena percentagem em favor da banca. Em caso de discussão entre dois jogadores sobre a propriedade de uma parada, a banca é tão leal que chega a pagar a cada um d'elles a somma disputada. Tem-se a impressão de que a honestidade chegou ali — e parou.

Em Portugal jogou-se sempre, apesar de todas as prohibições administrativas. Quando a prohibição apertada, joga-se clandestinamente, sem que a beneficencia publica aproveite, como acontece em França, onde se joga por todas as praias e estações thermaes, cobrando porém a administração uma boa parte da receita e applicando-a aos serviços da beneficencia.

Porque não se ha de pois acabar de uma vez para sempre com esta comedia de prohibir hoje para consentir amanha, sendo certo que em nenhum dos casos se deixa de jogar? Ao menos, se se trata de um mal inevitavel, que se procure reduzi-lo, tirando-lhe a capa de hipocrisia que o reveste, e aproveitando-o no bem de alguma coisa.

Regulamentado o jogo pelo Estado, sem que a lesão social seja maior por isso, dar-se-ha ás nossas praias e thermas uma intensidade de vida que ellas estão longe de ter. A população estrangeira que nos procura, e para a qual o jogo é uma distracção necessaria, não quer ser vexada nem importunada pela policia e sujeita-se á prohibição da primeira vez que cá vem. Mas no anno immediato vae procurar em outras terras menos rigoristas o direito de gastar o seu dinheiro como melhor entender e muito bem quizér.

Ha quem insista na opinião de que os estrangeiros hão de vir sempre trazer-nos o seu ouro attrahidos pela belleza do clima e da paizagem, bastando para isso que aqui encontrem asseo, conforto, urbanidade, policiamento, boa educação, facilidade de communicações, hospedagem esmerada, diversões inoffensivas. E que não é preciso o jogo para os attrahir. A Suissa, diz-se, não precisa do jogo para chamar a si os viajantes.

Ora por amor de Deus! Pois ha porventura comparação possivel entre a Suissa e Portugal como paizes de turismo? E a diversa situação geografica em que se encontram estes dois paizes, não vem nada para o caso?

A Suissa não precisa do jogador para alimentar as suas cidades e villas de prazer, porque está a dois passos de cada facilidade, e offerece-se por preços reduzidos, em viagens de breves horas, a todo o excursionista europeu que lá vae sem mais embaraços do que qualquer de nós póde ir á Outra Banda.

Ao passo que, para vir do meio da Europa a Portugal, precisa-se possuir, indiscutivelmente, o animo da aventura. E a não ser algumas velhas senhoras inglêsas com que a Agencia Cook nos brinda mais a meude, só o jogador, que é sempre um aventureiro, nos procurará de bom grado.

JOÃO PRUDENCIO.

Congresso de Geografia Brasileira em S. Paulo

Os delegados portugueses

Depois da corrente tão bem lançada pelo professor sr. Consiglieri Pedroso, actual presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, nas suas conferencias sobre a aproximação, cada vez mais intima de Portugal e Brasil, numa reciprocidade de interesses naturalmente indicados pelas assimilações dos dois povos irmãos, vem agora uma missão portugueza delegada ao Congresso de Geografia Brasileiro que se reune na cidade de S. Paulo, capital daquelle Estado, a qual missão tem por fim tornar bem conhecido do povo brasileiro, este velho país da Europa que entra numa fase de resurgimento progressivo, que não pára, nas manifestações de uma grande força intelectual de que já se não póde duvidar.

Tres são os delegados que compõem essa mis-

são, que no dia 22 do corrente partem para as terras de Santa Cruz, não como os antigos navegadores portuguezes em busca do desconhecido, mas seguindo o caminho por aquelles traçado sobre os mares ha quatro seculos, quando pela vez primeira ali aportaram. Já não vão fincar no solo a cruz nem arvorar a bandeira das quinas entre os palmares, mas visitar o opulento país que é nosso orgulho, numa civilização já adeantada, disputando primasias á velha Europa, com a qual tanto troca a riqueza dos seus produtos naturaes como o avanço de ideias de um povo inteligente e ilustrado.

Os delegados são os srs. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, coronel Abel Botelho e dr. Lobo d'Avila Lima. O sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, é uma das mais distinctas figuras da marinha portugueza, professor, antigo deputado e secretario perpetuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, muito versado nas questões colonias, conhecedor das colonias, sobre que tem feito varias conferencias publicas, ilustradas com projecções luminosas que melhor fazem conhecer o país africano. E' sobre a expansão colonial portugueza que versarão as suas conferencias, conforme declarou á imprensa:

«Na conferencia, que realizará em S. Paulo, occupar-se-ha em primeiro lugar das colonias africanas, especialmente das duas grandes possessões de Angola e Moçambique. Referir-se-ha á sua importancia comercial, e falará largamente dos seus portos, da sua significação, das obras que nelles se estão fazendo á custa de grandes sacrificios da metrópole. Não esquecerá igualmente as vias de comunicação fluviaes e terrestres. Aos caminhos de ferro portuguezes daquellas paragens está reservada no futuro uma altissima missão civilisadora, e, com efeito, é por elles que se ha de operar um dia a drenagem — podemos exprimir-nos assim — de toda a Africa Central. Por outro lado, o caminho de ferro do Lobito ha de, num futuro não muito remoto, ligar a costa occidental á oriental, reunindo-se, quer com o caminho de ferro da Beira, quer com o de Lourenço Marques. Essa linha ferrea, ligando o Indico ao Atlantico, como o transamericano liga o Atlantico ao Pacifico, vae simplificar extraordinariamente o problema de penetração no interior. E' preciso notar tambem que Lourenço Marques, em comunicação directa e rapida com o Transvaal, é o porto por excellencia do Oceano Indico.

Todos estes assuntos o conselheiro Ernesto de Vasconcellos ha de tratar nas suas conferencias, não esquecendo tambem as colónias portuguezas no Extremo Oriente e na Oceania e tencionando falar tambem da importancia militar da nossa posição no Atlantico, do triângulo estratégico com o vértice nos Açores, da alliança com a Grã-Bretanha. . .

Defenderá igualmente o estabelecimento, por accordo entre o Brasil e Portugal, de vários entrepostos brasileiros nos Açores, no continente, e mesmo em Lourenço Marques, porque o comércio do Brasil ha de invadir tambem mais tarde o Oceano Indico. Esses entrepostos seriam como que uma compensação á diminuição de movimento marítimo dos portos brasileiros depois da abertura do canal de Panamá, que é de grande alcance para o nosso país.

O conselheiro Ernesto de Vasconcellos, que realizará tres conferencias, duas em S. Paulo e uma no Rio de Janeiro, fará resaltar sempre o espirito colonizador no nosso país e o papel que a Sociedade de Geografia de Lisboa tem desempenhado no moderno movimento colonial.

O sr. Abel Botelho, é coronel do Estado Maior, antigo jornalista, critico de arte e romancista; actualmente desempenha o lugar de chefe da primeira repartição do ministerio da guerra. Nas conferencias que vae fazer demonstrará como «Portugal é hoje um elemento apreciavel a contar da evolução progressiva da humanidade, como elle trabalha, desperta, avança, enriquece e se expande, integrando se na civilização, renascendo com alma para a vida.» Neste sentido, tratará, diz o sr. Abel Botelho, da nossa lingua e «do nosso caracter, que são modalidades essenciaes na vida de um país; e logicamente, dêsse caracter farei resaltar, entre outras cousas, a presistencia do fundo étnico do nosso lirismo. . .» Falará dos nossos artistas.

O sr. dr. Lobo d'Avila Lima, foi estudante laureado da Universidade de Coimbra, onde ha pouco concluiu seu curso, e logo alcançou o lugar de lente da mesma Universidade. Este facto basta para dar a medida de seu valor. As suas conferencias versarão sobre as condições economicas, sociaes e juridicas da vida portugueza.

Assim é composta esta missão portugueza, que vae defrontar-se com o que ha de melhor da mentalidade brasileira, e que se esforçará para bem corresponder á gentileza do convite que Portugal recebeu para se fazer representar neste congresso.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Acção de Puebla de Sanabria

10 d'Agosto de 1810

Quando Massena em cidade Rodrigo se preparava para cumprir as ordens de Napoleão realizando a terceira invasão dos francezes em Portugal, dispunha Wellington a defeza, levantando em segredo as celebres formidaveis linhas de Torres Vedras, fazendo guarnecer toda a fronteira ameaçada e intimando os habitantes das Beiras e Extremadura para que abandonassem á aproximação do inimigo as suas terras, recolhendo-se a dentro das linhas. Deviam, porém, deixar devastadas as colheitas, arrazados os moinhos e azenhas para que de cousa alguma podessem aproveitar-se os invasores.

Tinha Wellington o seu quartel general em Celorico; o de Beresford, general em chefe das tropas portuguezas, e que commandava a segunda linha, de Fornos d'Algodres passara para a Lagiosa. Ao norte, corpos de milicias guarneciam a fronteira.

Na sua antiga organização, o exercito portuguez compunha-se de tropas de linha, milicias e ordenanças, no que se assemelhava ao actual exercito allemão com as suas *landwehr* e *landsturm*. Beresford tornou rigorosa a disciplina das milicias e ordenanças, que ficaram durante a guerra sujeitas ás mesmas leis e regulamentos das tropas de linha, conseguindo assim o general inglez ter mais de 400:000 portuguezes em armas.

Os milicianos do Minho estavam sob o commando do brigadeiro inglez Miller, os da Beira Alta e Traz-os-Montes sob o do marechal Silveira general das armas de Traz-os-Montes, os das outras provincias estavam ás ordens do coronel portuguez Lecor e do coronel inglez Trant.

Era commandante geral das milicias o general portuguez Manuel Pinto Bacellar, que tinha o seu quartel general em Lamego.

As forças do general inglez Hill guardavam o Alemtejo.

Assim estava preparado o exercito anglo-luso para a defeza.

Loison abriu as hostilidades n'um reconhecimento sobre Almeida. A 24 de julho o 6.º corpo francez commandado por Ney passou a fronteira. O inglez Crawford, que commandava a divisão ligeira, e irrequieto e ardente anciava bater-se, passara temerariamente o Côa com os seus 4.000 homens, dos quaes 1.200 eram portuguezes; atacado defendeu bravamente a passagem da ponte, oppondo uma brilhante resistencia, mas teve de retirar com graves perdas ante os 10.000 homens de Ney, deixando aberta a fronteira e prejudicando os planos de Wellington que vigiava a praça d'Almeida. Esta, cercada pelo exercito de Massena e defendida pelo brigadeiro inglez Cox, rendia-se a 27 depois d'uma terrível explosão que em parte a desmantelou.

Ao passo que Massena tentava por este ponto a invasão, o 2.º e 8.º corpos francezes estendiam-se até Caria, a cavallaria percorria os postos avançados da nossa fronteira leste, ao norte a divisão Bonnet em Astorga, ameaçava a Galliza e o Minho, e a divisão Serras em Benavente, ameaçava Traz-os-Montes.

O marechal Silveira vigiava attentamente n'este ponto as operações.

Silveira era um habil e valente cabo de guerra. Capitão de cavallaria em 1801, cooperava com Gomes Freire na victoriosa acção de Monterey, procurando lavar as affrontas d'aquella infeliz campanha. Na insurreição de 1808 obrigara Loison a bater em retirada nos Padrões de Teixeira. Encarregado em 1809, já brigadeiro, do governo das armas de Traz-os-Montes, a sua attitude durante a invasão de Soult collocou-o no primeiro plano entre os generaes portuguezes seus contemporaneos.

A rapida e decisiva empreza da retomada de Chaves, em março de 1809, chamou logo sobre elle a attenção de Soult, cujos planos a perda de Chaves transtornara cortando-lhe a communicação com Orense. Este empreza ganhou tambem ao general Silveira a confiança dos portuguezes

insurgentes, que marchavam com enthusiasmo a reunir-se sob o seu commando. Sempre incansavel, sempre ameaçador para o inimigo, atravessando se no caminho das suas tropas, guardando as estradas de Lamego e de Villa Real, avançando sobre Loison em Penafiel, rechassando os seus reconhecimentos, impellindo diante de si as suas avançadas, Silveira, tornou-se realmente inquietador para Sout que, mal seguro no Porto, necessitava desembaraçado o caminho d'Hespanha e encarregara Loison de conservar-lhe livre a estrada de Villa Real.

Para bater Silveira mandara Sout em auxilio de Loison Delaborde com uma brigada e os dragões de Lorges. Eram já 6.500 homens. Em 18 de abril Silveira ousou defrontal-os em Amarante, mas tendo só 2.000 homens de tropas regulares, que o resto eram apenas milicias e paysanos mal armados, foi realmente batido, mas retirando para as alturas que dominam a ponte de Amarante, ali se fortificou, desafiando as forças de Loison que não puderam passar o Tamega.

Sout, impaciente pelo formidavel obstaculo, mandou mais uma brigada de infantaria e outra de dragões. Eram ao todo 9.000 aguerridos soldadinhos de Napoleão, metade do exercito de Sout, que alli na frente d'Amarante estavam parados ante a resistencia dos 10.000 homens de Silveira, e para desalojar este heroica phalange foi necessario a surpresa simultanea d'uma explosão e um ataque realizados ao abrigo d'uma noite de cerrado nevoeiro, em 2 de maio.

Esta façanha que deu a Silveira o titulo de Conde d'Amarante, foi como diz justamente o historiador militar inglez Oman, um admiravel servico prestado por este general á causa do seu paiz. Eram 9.000 homens detidos 15 dias nas margens do Tamega, em quanto o exercito inglez marchava já de Coimbra para o Porto a desalojar Sout.

A 8 de maio Silveira entra em Villa Real, obri-gando Loison a retroceder e vae batel-o nas faldas do Marão. Loison repellido tambem em Medas Frio pelas forças do general Bacellar, abandonada Traz-os-Montes, retirando para Guimarães, deixando Sout n'uma situação critica.

Durante a retirada de Sout é activa a acção de Silveira, não sendo mais efficaz a sua perseguição ao exercito francez, pelas ordens contradictorias de Beresford.

Em 1810 encontramol-o, já marechal de campo, com o seu quartel general em Bragança, estabelecido um perfeito servico d'espionagem, vigiando todos os movimentos dos francezes ao norte da fronteira.

Alguns destacamentos da divisão Serras, procurando viveres, avançavam pela estrada de Bragança, entrando a 29 de julho em Puebla de Sanabria, povoação hespanhola cinco leguas ao N. de Bragança e d'onde os francezes acabavam d'expulsar o general hespanhol Taboada Gil.

Sanabria occupa um monte dominado por altas montanhas; a povoação circula a base do monte, o resto é occupado pela praça militar, cercada de muralhas com duas portas, uma do N. outra do S.

No ponto mais elevado do cume está um castello antigo de solida construcção, e da plataforma do qual a vista abraça toda a região circumvisinha.

Quando se sae de Puebla de Sanabria vê-se em frente a bonita serra de Segunders, para a qual a estrada sobe gradualmente embrenhando-se em desfiladeiros, ao cimo dos quaes se encontra a Portilla de Padronella.

A fronteira portugueza está á vista, traçada paralelamente á estrada n'uma grande extensão.

As tropas de Serras que percorriam a região eram numerosas, mas não entibiaram a iniciativa de Silveira que depois de ter feito aos seus soldados uma energica proclamação, dirigiu-se contra Puebla de Sanabria onde chegou ao amanhecer do dia 30 com as suas duas brigadas de milicias e 200 cavallos de cavallaria 12.

No dia 3 d'agosto estava cercado o castello de Sanabria tendo-se juntado ás tropas de Silveira 800 homens de Taboada Gil.

No dia 10 d'agosto rendia-se o castello, entregando ao vencedor as armas, 9 peças d'artilharia de grande calibre e uma *aguia*, pertencente ao batalhão suizo que guarnecia Puebla de Sanabria, e capitulou sob condição de ser enviado para a Corunha, não pegando mais em armas contra os alliados.

RIBEIRO ARTHUR.



Quem não é capaz de ser pobre, não é capaz de ser rico.

Uma visita de Napoleão ás escolas militares de Fontainebleau e de Saint-Cyr

A figura lendaria de Napoleão apparece-nos sempre grandiosa e unica por mais que os seus detractores queiram amesquinhal-a e modernos publicistas e philosophos queiram apresentar o altivo dominador como um dos maiores tyranos que tem avassalado a humanidade. A verdade é que a sua figura excepcional sobresahe entre todas aquellas que, no decorrer do seculo passado, se evidenciaram pelo talento e pela acção, e que a humanidade hoje, embora attrahida pelos novos ideaes, olha ainda com pasmo para o vencedor de Iéna, de Wagram e de Friedland. Como chefe de guerra, Napoleão foi e será por muito tempo o primeiro, e a guerra embora os sentimentalistas a condemnem como inutil, é necessaria e inherente ao homem, faz parte da sua constituição intima, do seu organismo animal e social.

Jámais os exercitos attingiram tão grande esplendor como no seu tempo, attendendo aos meios scientificos da época, e nunca tiveram igual consagração e grandezza; nunca chefe algum tratou d'elles com maior desvello e dedicação, e, por isso, no fragor do combate, no meio dos mais horrorosos soffrimentos havia um unico pensamento, uma só idéa que se synthetisava no grito unisono saído da bocca dos seus soldados — Viva o Imperador!

Agora que estamos em pleno centenario da guerra da península, cuja commemoração maior attenção deveria merecer a todos os chefes militares, deviamos occupar-nos dos nossos repellidos invasores, não apenas para nos gloriar da victoria, mas para dar-lhe as honras da guerra, fazendo os sair do nosso territorio de armas no braço, bandeiras desfaldadas e tambores rufando. Quanta mais justiça se faz ao inimigo e mais alto se canta o seu valor, maior é a victoria alcançada. Evocar as glorias napoleonicas é exaltar o nosso triumpho.

Lendo as memorias do imperio, um outro genero de considerações se me offerece ainda, que resultam da comparação de muitos factos observados na minha longa carreira militar; da indifferença com que vi grande numero de chefes exercerem o commando, do pouco esforço em geral feito para obter suggestivamente a disciplina, da nenhuma importancia dada por muitos ás tradições heroicas e da muita falta de instrução militar. Que de qualidades um verdadeiro chefe de guerra necessita para colligir e aproveitar utilmente tantos factores diversos que compõem a força armada para a defesa do paiz e que dependem igualmente da instrução nas escolas e nos quartéis! A proposito vou contar uma anedocta curiosa que se passou na visita de inspecção que Bonaparte fez ás escolas militares de Fontainebleau e de Saint-Cyr, descripta pelo commandante de Lauthonny, quando alumno das mesmas escolas, provando o interesse de Napoleão pela instrução do seu exercito, que palpava individualmente de modo bem diverso da avaliação negligente que de ordinario fazem os nossos inspectores.

Diz-nos Lauthonny que se a paz de 1807 não tivesse tido lugar, teria sahido da escola no fim de tres mezes, mas o imperador não tinha necessidade de officiaes, e ordenou que os alumnos se conservassem nos seus cursos. O grande homem poucos dias depois da sua chegada a Paris, foi a Fontainebleau visitar a escola. O toque da assemblea soou, os alumnos deixaram o estudo e n'um prompto, se fardaram, armaram-se e formaram em parada para o receber. O Imperador passeava com o general director, e, depois de lhes passar revista, fel-os manobrar por espaço de uma hora. Lauthonny cheio de admiração por Bonaparte, desejava vel-o ainda mais de perto, falar com elle, porque lhe parecia que as palavras do heroe não deviam ser como as de qualquer pessoa.

O acaso proporcionou-lhe o ensejo: seguiram os alumnos para as aulas e Napoleão quiz interrogal-o. Lauthonny foi chamado ao quadro pelo professor de Mathematica. O Imperador entra n'aquelle momento e, interrogando o sobre o seu estado disse-lhe: — Dae-me a superficie da esfera? — o que o alumno satisfez. Depois perguntou-lhe: — Desejo saber rapidamente a largura de um rio. — Pelos triangulos semelhantes respondeu Lauthonny.

— Tenho que bombardear uma cidade fortificada, mas um braço de mar impede-me de me aproximar da praça e, entretanto, tenho necessidade de conhecer a sua distancia para saber se

as minhas bombas poderão lá chegar? — A resposta não se fez esperar e indicando o graphometro, o Imperador ordenou ao alumno que explicasse o processo a seguir, o que elle fez, ficando Bonaparte satisfeito e ordenando a sua transferencia para a aula de fortificação.

Em pouco tempo Lauthonny foi distincto no curso de fortificação e os seus calculos e desenhos bem executados, tendo assim garantidas as alvejadas dragões.

Em 1808 a escola militar foi transferida para Saint-Cyr. A aproximação de Paris garantia-lhe frequentes visitas do Imperador. Com effeito, em pouco tempo, uma foi annunciada. Ouvia-se o toque de reunião e logo tudo estava formado em parada. O Imperador mandou que os alumnos artilheiros guarnecessem as suas peças; Lauthonny era um d'elles, e feitas algumas manobras fóram interrogados pelo proprio Napoleão sobre a nomenclatura das boccas de fogo e dos reparos. Pessoa alguma respondeu ás perguntas o que irritou Bonaparte.

O Imperador voltou-se então para o capitão d'artilharia instructor e fazendo-lhe as mais acerbas recriminações terminou por lhe dizer que, passados quinze dias, elle voltaria, e que se os alumnos não estivessem instruidos na nomenclatura de todas as armas de fogo e nos seus artificios o tiraria da escola e o destinaria como official inferior, a um regimento da arma. Dito isto subiu para o coche.

O Imperador partiu, e o desgraçado capitão que era chefe de uma numerosa familia, lançou-se aos pés do general Bellavène, commandante da escola, pedindo-lhe para que os cincuenta alumnos que seguiam este curso lhe fóssem confiados, o que obteve e o pobre homem poz-se a trabalhar com um tal ardor, que em dois dias e duas noites, compoz um pequeno compendio que era uma obra prima e que foi por muito tempo apreciado. Os alumnos partilharam os temores do capitão, e, durante dez dias tiveram tal assiduidade ao estudo que ficaram magnificamente preparados para responder sobre a confecção de todas as armas de fogo e brancas e sobre todos os artificios de guerra.

O Imperador não se fez esperar os quinze dias. Logo que chegou começou o interrogatorio perguntando a Lauthonny como se carregava e descarregava uma bomba, ao que o alumno satisfez plenamente. O pobre capitão estava pallido como a morte e os seus olhos arrazados de lagrimas de satisfação e de temor.

Depois de uma theoria de duas horas o Imperador voltou-se para elle e disse-lhe: «A instrução dos alumnos ultrapassa a minha espectativa, estou contente contigo, e nomeio-te chefe de batalhão e official da Legião d'Honra.»

O pobre homem lançou-se aos pés do Imperador banhado em lagrimas. Bonaparte accrescentou: «Os alumnos estimam-te, é certo, e elles aprenderão tudo o que fôr necessario contanto que os faças trabalhar.» Depois voltou as costas, subiu para o coche e seguiu para Paris.

Aqui está uma pequena amostra de como, ha um seculo, sob o dominio do Imperio, o primeiro chefe fiscalisava a instrução do seu exercito.

RIBEIRO ARTHUR.



AS ROMARIAS DO MINHO

Festas gualterianas em Guimarães

Continuam as romarias do Minho a movimentar e a alegrar aquella, já de si, risonha provincia, a região mais linda do nosso Portugal, pela belesa dos seus campos, pelo pitoresco de suas povoações, pelo caprichoso e colorido dos trajes das suas mulheres airozas, de boas fórmulas, cheias de vivacidade e de energia.

Hontem era a romaria de S. Torquato, a que nos referimos no penultimo numero, hoje são as festas gualterianas em Guimarães, uma festa mais profana do que religiosa, apesar de ser em honra de S. Gualtier, o santo frade franciscano, que para ali veiu residir em tempos de D. Afonso II (seculo xii), e cujas reliquias se guardam em tumulo, na sua capéla do convento de S. Domingos.

O venerando burgo, berço da monarchia portugueza, nunca, porém, se engalanara em tão ruidosas e luxuosas festas, como nos ultimos annos, para comemorarem o santo franciscano, festas que de anno para anno, têm aumentado em

As festas gualterianas em Guimarães

brilhantismo e riqueza, como outras se não fazem em todo o Minho, e de toda a provincia e mais terras ali a rode gente, de tal fórma, que a cidade perde a sua pacatez habitual e adquire extraordinaria animação, que muda completamente seu aspéto, tornando-se mais bela com as pompas da festa, que este anno atingiram o maior entusiasmo. As ruas e largos encheram-se de forasteiros, atraídos pelo programa da festa que lhes oferecia os maiores atractivos, e que, diga-se em verdade, excedeu toda a espectativa.

A comissão promotora destas festas, em que boa parte cabe á Associação Commercial, caprichou em lhes imprimir o maior brilho, muito principalmente com a Exposição Industrial e Agricola, que tinha a vantagem de reunir o util e o agradável.

De facto nada mais digno de se apreciar do



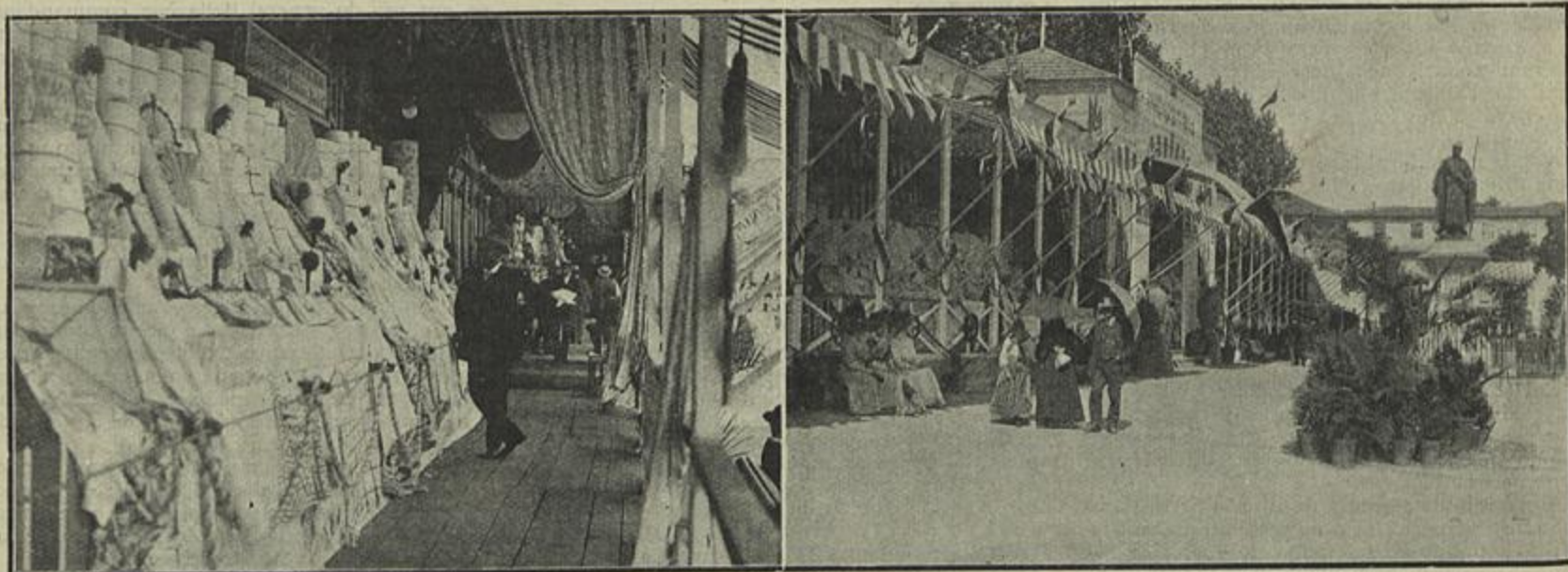
A CIDADE DE GUIMARÃES

Se isto eram já suficientes atractivos para convidar o forasteiro, não menores eram aquelles que a cidade toda em festa oferecia a quem a visitava. As ruas, decoradas com muito gosto, apresentavam o mais agradável aspéto, realçado pelas senhoras de Guimarães, bem conhecidas por sua proverbial formosura, que apreciavam pelas janelas, donde pendiam ricas colchas de custosas sedas antigas e bordadas, que bem iam com a beleza das damas que sobre ellas se debruçavam donairosamente.

nam o abençoado solo em que são creados e cuidado do agricultor, observando-se em tudo isto notavel progresso e dedicação pelo trabalho.

Outra exposição havia para visitar no grande salão da Sociedade Martins Sarmento, o dedicado e sabio archeologo que deixou seu nome ligado a uma das mais belas instituições cienti-

As festivas no jardim, pela tuna dos Empregados do Comercio do Porto; o exercicio dos bombeiros; as touradas; a marcha milanesa, uma novidade de efeito fantastico, pelo bem combinado da composição, em que pela primeira vez apareciam entre os carros alegoricos de grande fantasia e surpresa, figuras com movimentos e inte-



A EXPOSIÇÃO — GALERIA DO PAVILHÃO DA INDUSTRIA

que os produtos da industria local, em que se destacava a moderna marcenaria a par dos tradicionaes linhos de Guimarães com os seus atalhados de primeira ordem e das afamadas cutelarias e outros artefactos de apreço. Os produtos agricolas, especimens preciosos que abo-

ficas do país e de Guimarães. Era uma exposição de valiosos quadros a oleo, carvões e aguarelas existentes naquella cidade, figurando entre outras, obras de Vieira Portuense, Domingos Antonio Sequeira, artistas portuguezes de reputação em todo o mundo civilizado.

riormente iluminadas, uma inovação surpreendente; os concertos por bandas regimentaes e outras; os fogos de artificio de lindo efeito, como só em o norte os fazem; as iluminações á moda do Minho, cuja fama chegou até ao sul, onde tambem já se apreciam; finalmente uma festa esplendida



O CAMPO DA FEIRA — A BATALHA DE FLÔRES
(Fotographias de Pereira Cardoso)

As festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo

que teve a cidade de Guimarães tres dias em regosijo publico e lhes trouxe um movimento extraordinario para o seu commercio, que é sempre a principal mira e lado pratico a que se aspira, e crêmos que desta vez com optimos resultados, em vista da extraordinaria concorrencia de forasteiros na cidade como ha muitos annos não succedia.

No ultimo dia dos festejos, realisou-se a distribuiçao dos premios aos expositores, no Campo da Feira, e a batalha de flôres, em que appareceram bastantes carros e automoveis lindamente enfeitados, destacando-se a riqueza de muitas *toilettes* que mais fazia realçar a belesa das damas que, com sua extrema elegancia e grande animação, deram a este numero do programa um completo exito.

As festas gualterianas marcam, indubitavelmente, uma nova fase na historica cidade de Guimarães, que se sente rejuvenescer aos impulsos do progresso, no grande desejo de se amodernisar como o vae provando com as suas esplendorosas festas.

As festas da Senhora da Agonia em Viana do Castelo

A outra romaria temos ainda que nos referir, a da Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, que, sendo uma das mais antigas e concorridas da provincia do Minho, tem nos ultimos annos chamado maior concorrencia á formosa cidade do Lima, atraída pelo



MULHERES DE VIANA DO CASTELO

das decorações das ruas e da grande praça ou campo do Castelo, tambem denominado da Agonia, por se erguer num dos seus extremos o Templo ou Santuario da Senhora da Agonia que ali foi construido pelos annos de 1752 a 1755.

E' nesse vasto campo o centro das festas como a grande feira, que se realiza dos dias 18 a 21 de agosto, feira das mais importantes da provincia, a que concorre gado vacum, ca- a valar, lanigero, etc., a disputar os premios concedidos pelo Estado. E' esta uma das in- valações de utilidade como incentivo ao desenvolvimento de um dos primeiros ramos da industria agricola que constitue a riqueza daquella região.

E' facil calcular a extraordinaria animação que as festas da Senhora da Agonia trazem

esplendor das festas publicas que ali se realisam.

O caminho de ferro facilita a visita de forasteiros de toda a provincia e até de todas as terras do país, incluindo Lisboa, donde vae muita gente assistir áquellas festas e de lá ir não se arrepende porque são realmente das mais brilhantes.

Para isso concorre em grande parte a belesa do logar, como de resto o é toda a provincia do Minho, a que vem juntar-se as lin- vancia do Minho, a que vem juntar-se as lin-



UMA VISTA DE VIANA DE CASTELO



O SANTUARIO DA SENHORA DA AGONIA



PAÇOS DO CONSELHO DE VIANA DO CASTELO

á cidade que de si é já bastante movimentada pelo seu commercio e porto maritimo.

Durante quatro dias as festas se prolongam oferecendo agradaveis diversões aos forasteiros, que logo de manhã são despertados pelas musicas que saúdam a alvorada com as costumadas salvas e foguetes. Depois vem a toirada no redondel do Campo do Castelo. A' noite grande festival no mesmo campo, iluminado a capricho, e onde, em diferentes coretos tocam varias bandas, e por fim é queimado fogo de artificio de surpreendente efeito.

O dia 19 é o principal das festas; repete-se a alvorada e toirada. Como novidade ha a exhibição de *Gigantones y Cabezudos*; concurso de costumes tipicos, descantes e dansas regionaes por lindas raparigas do concelho com os seus trajes caracteristicos, que são dos mais elegantes, vistosos e coloridos da provincia.

No Santuario celebram-se as solemnidades religiosas, havendo á noite novo fogo de artifício.

Nestas alegres diversões se passam os quatro dias em que também tomam parte os bombeiros com seus interessantes exercicios, e o afamado Orfeon da Sociedade Artistica de Pontevedra, que também vem associar-se ás festas com as suas setenta figuras.

Ha também no ultimo dia, missa campal no Campo do Castelo a que assistem todas as autoridades locais e a guarnição militar.

O espectáculo mais surpreendente, porém, é guardado para o fim, como chave de ouro das festas. E' a serenata no rio Lima, cujo efeito fantastico não se descreve facilmente. Grande quantidade de barcos desliza no rio, em varios sentidos, como chalets e castelos flutuantes iluminados, projetando nas aguas suas fórmãs caprichosas, enquanto sobe ao ar lindo fogo de côres preparado por habéis pirotécnicos em concurso de competência. Num recinto reservado, iluminado a luz eléctrica, toca uma banja, e assim breve passa o tempo, gosando os olhos o mais fantastico espectáculo que pôdem vêr.

São assim hoje as romarias modernas pelas terras da provincia, tirando partido das condições locais, com diversões que mais possam atraír os forasteiros, e, nenhuma das outras levam a palma ás festas do Minho.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

O mês de agosto está hoje universalmente consagrado aos congressos de toda a ordem, em que a humanidade vem affirmando suas tendencias cosmopolitas; individuos de todo o mundo culto accorrem a determinados pontos para discutirem as mais transcendentes questões de interesse social, a que são estranhas as fronteiras e as religiões, quando umas e outras brigam com a concordia que deve reinar nessas doudas assembleias.

Se o tempo não nos escasseasse e o espaço nos ajudasse, tentariamos cinematographar, embora de fugida, o que de mais interessante se ventillou nesses congressos, que se succedem com extraordinaria velocidade e elevado alcance. Felizes nos considerariamos se ao menos pudessemos registá-los e definir-lhes o objectivo, mas baldado empenho, porque nos fallece tudo, a começar na competencia e a acabar na escassez do tempo.

Entretanto diremos que em Bruxellas se realizou em 7 e 8 d'este mês o primeiro congresso internacional de *psychologia e psychotherapia*, o qual representa um acontecimento deveras notavel, se tivermos em attenção que durante largos annos a psychotherapia foi considerada como medicamento moral que qualquer individuo dotado de certas aptidões podia applicar com certo exito. Actualmente, porém, nós vemos que a psychotherapia deixa a antiga fórmula banal e empirica para se apoiar em dados precisos fornecidos pela psychologia experimental, tomando d'est'arte uma importancia scientifica que a colloca ao nível dos outros ramos da sciencia medica.

Este congresso reuniu um bom numero de psychiatras e neurologistas eminentes de muitas nacionalidades, cujos relatorios provocaram discussões valiosissimas ácerca dos mais vitais problemas da suggestão e da analyse psychica.

Em 9 abriu em Anvers o congresso internacional do *livre cambio*, cujo objectivo principal consistia no estabelecimento de relações entre os livres cambistas do mundo, sobretudo entre os da Alemanha e da Inglaterra, idéa apoiada calorosamente pelo delegado do *National-Liberal-Club*. O congresso estudou as *consequencias das recentes revisões das pautas* na Alemanha, na França e nos Estados Unidos, as *consequencias do proteccionismo, sua influencia no encarecimento crescente da vida, etc.*

Berlim teve também um congresso internacional do *christianismo liberal*, que attraheu mais de 2:000 membros. Ventilaram-se questões de subida importancia, taes como: *a religião e o socialismo, a religião e o anti-alcoolismo, a religião e a mulher, a religião e a paz.*

A acção d'este congresso tomou uma feição pratica, estendendo-se a tres cafés e cervejarias da capital prussiana, onde houve sessões populares muito concorridas, e com um socego e respeito que causariam admiración na nossa península, tão fogosa e arrebatada. . .

Em Paris realizou-se o terceiro congresso de

hygiene escolar, com 1:600 congressistas, no qual se teve em vista principalmente: — *assentar a hygiene escolar em bases scientificas, estudar-lhe os principios e determinar-lhes as applicações.* A tarefa dos professores consistirá em assignalar e distinguir com intelligencia todas as anomalias na conducta dos alumnos. O papel do medico consiste em diagnosticar sem demora as doenças de origem escolar, as taras hereditarias, os symptomas das doenças em geral; cabe-lhe também a inspecção da hygiene local. O congresso fez salientar o alcance do ensino do *ménage* na familia e da alimentação especial da infancia, esperando os melhores resultados da collaboraçãõ assidua da sciencia medica com a pedagogia.

No dia 4 inaugurou se na Sorbonne um congresso nacional de *ensino primario*, com o seguinte programma:

A obrigatoriedade escolar, o ensino das sciencias na escola primaria, a preparação profissional dos professores, o papel dos poderes publicos, o papel do professor, a importancia da iniciativa privada. Produziu optima impressão o discurso do representante da *Federação belga de ensino* ácerca da utilidade resultante da collaboraçãõ effectiva de todos os professores primarios de todas as nações.

Resta ainda falar d'um outro certamen: O XVIII congresso internacional da paz, cujos trabalhos se encerraram no dia 6, em Stockolmo. Este congresso emittiu o voto de que se convidem os agrupamentos operarios de todas as nações a apoiar os esforços feitos pelos grupos pacifistas, no sentido de se organizar a ordem juridica internacional e preparar o desarmamento universal, fazendo observar que os socialistas não pôdem desinteressar-se do movimento pacifista, porquanto, para seu triumpho, torna-se necessario o apoio das massas populares, que em todos os tempos fóram as que mais soffreram os horrores da guerra.

Não se deve esperar dos chefes d'estado nem dos capitalistas esse movimento a favor da paz, pois que uns e outros, se não fazem a guerra, favorecem pelo menos a *paz armada*, que não é mais do que um estado de guerra disfarçado. Os esforços reunidos da classe média instruida e dos socialistas, que soffrem os effectos do militarismo, permittir-lhes hiam certamente impôr aos governos a necessidade de desarmamento, que poria nas mãos da collectividade enormes capitaes para se realizar toda a especie de reformas sociaes. . .

Se a *Chimera* nos desamparasse, o que seria a *Vida?*

Produziu certa agitação na Europa e na America uma carta de Guilherme II, da Allemanha, ao presidente Madriz, da republica de Nicaragua. Os norte-americanos queriam vêr nessa epistola um ataque á manutenção da doutrina de Monroe, quando se tratava apenas da resposta do *kaiser* á notificação official da eleição do presidente Madriz.

Como tudo tem a sua explicação, o caso de que se trata não foi mais do que um mal entendido entre os Estados Unidos e a Allemanha, originado na cessão á Allemanha d'uma estação de carvão nas aguas americanas.

Tambem a imprensa internacional se tem occupado da *Annexação da republica da Liberia pelos Estados Unidos.*

Esta republica de pretos, lá da *Lybia ardente* com presidente negro d'azeviche educado cá na Europa, debate se em grandes dificuldades de varias ordens, a que se ajunta a falta do *vil metal* ou coisa que se lhe assemelhe, pois verdade é que a *arvore das patacas* emigrou também d'aquellas paragens, onde as dificuldades financeiras produzem effectos analogos aos que se passam nas nações dos *esbranca*. . .

A Liberia considera-se impotente para garantir a segurança do seu *hinterland*; de tal sorte que a Inglaterra e a França, cujos dominios se avizinham d'aquella joven republica, por diferentes vezes tomaram medidas para salvaguardarem os interesses dos seus nacionaes na região fronteira.

Ameaçados já em 1908 de proxima conquista, os liberianos fizeram um appello aos Estados Unidos, para que lhes garantisse a sua integridade territorial. O governo de Washington enviou uma missão á Liberia para estudar a situação. O chefe da missão era o ministro dos estrangeiros Knox, que no seu relatorio mostrava a incapacidade da Liberia para a fixação definitiva das suas fronteiras, propondo que os americanos os auxiliassem primeiramente, mediante determinando *contrôle* dos seus rendimentos e organizando um corpo de policia de fronteira. Os Es-

tados Unidos teriam em paga uma estação naval de carvão. Se isto não se podia chamar annexação, era no entanto um protectorado, que levava ao mesmo fim. O senado americano regeitou essa idea, mas as intenções attribuidas aos norte-americanos são de molde a inquietar a França e a Inglaterra. Os Estados Unidos, adoptando o protectorado da Liberia, contradizem a doutrina de Monroe, que já teve o precedente das Philipinas; mas o abandono do principio da *não intervenção* fóra do continente americano, seria muito mais significativo se se tratasse da ingerencia directa nos negocios d'uma região africana.

MORTE DE DOIS ASTRONOMOS NOTAVEIS

Falleceu em 11 de julho, em Potsdam, com 98 annos, o professor *Gottfried Galle*, que trabalhou no *Observatorio de Berlim*, tendo contribuido com importantes descobertas no campo da Astronomia. Aos 27 annos, em 1839, descobriu, no espaço de tres mezes, tres novos cometas, recebendo pouco depois o premio Lalande do Instituto de França. A 23 de setembro de 1846 recebia uma carta do celebre *Leverrier*, que lhe pedia para procurar o planeta Neptuno, cuja posição *Leverrier* havia determinado pelo calculo. Nessa mesma noite o sabio Galle observava o astro até então desconhecido, sendo, portanto, collaborador da grande descoberta d'aquelle glorioso astronomo francês.

A Italia perdeu também um astronomo distincto na pessoa de Giovanni Schiapparelli, que falleceu em Milão, com 75 annos. Era primeiro astronomo e director do *Observatorio Astronomico de Brera*, em Milão, membro do Instituto Lombardo de Sciencias e Letras, da Academia dos Lincei, senador, e umas das personalidades mais eminentes da sciencia italiana.

Nasceu em Savigliano, no Piemonte, em 5 de março de 1835 e fez os seus estudos de 1852 a 1860 em Turim, Berlim e Pulkova.

E' de alto valor a sua obra astronomica, tendo alcançado reputação mundial os seus trabalhos sobre os canaes de Marte, cuja existencia foi calorosamente affirmada e defendida por Schiapparelli, como ainda o anno passado tivemos occasião de o accentuar nesta revista, a proposito da passagem do planeta Marte. Deve se-lhe a descoberta do 69.º planeta Hesperio; a theoria das estrelas cadentes derivadas dos cometas; estudos da influencia da lua sob o ponto de vista das alterações atmosphericas, etc., merecendo especial referencia, pela sua celebridade, os trabalhos relativos ao planeta Marte.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1136)

XVIII

O acaso abre uma porta

Nem por um momento duvidei que aquelles bandidos tinham sahido.

A sineta de alarme tocando a rebate no corredor; o ruido de pés como de um exercito em marcha; as vozes dos homens chamando uns pelos outros, tudo denotava passar-se qualquer coisa de anormal. Ainda quando tivesse duvidas sobre o que estava acontecendo para os lados do recife, bastou-me ouvir a voz do proprio Czerny dando ordens e berros perto da porta, detraz da qual me collocára, para me convencer de todo. Porque teria apostado a cabeça em como era de Czerny, a voz que ouvia; de Czerny a quem vira a ultima vez em Nice no dia do seu casamento.

— Vamos, vamos, depressa! . . . ouvia gritar — Steinvertg que venha já! Ha um barco enalhado nos Tomadores! Um barco, ouviram?

Os seus homens respondiam n'umas vozes agudas, como gritos selvagens. Se a uma matilha de cães tivesse fugido a presa, talvez não lançassem uivos tão terríveis como os que estes soltavam.

De repente sobreveiu um silencio tão profundo que quasi sentia a minha propria respiração.

— Já sahiram — disse em voz baixa a Ruth — e devemos alegrar-nos por isso.

Pareceu não fazer caso da minha observação e sentando-se n'uma cadeira, encostou o rosto á mão, começando como que a murmurar uma prece.

— Que Deus os ampare, que Deus os ampare — disse ella supplicando.

Advinhei logo que se referia aos infelizes que se estavam debatendo nos recifes.

Decorrido um momento, em que parecia não ter dado pela minha presença, levantou então a cabeça para responder á minha pergunta.

— Sim, sahiram. Meu marido naturalmente foi para bordo do *yacht*. Não tem coragem para estar n'outro sitio. Estamos agora completamente sós, Jasper.

Apertei nervosamente o bonnet que tinha na mão, e fui direito á porta que abri.

Energica e claramente me passou pela cabeça uma ideia luminosa.

— «Será verdade, meu Deus — dizia para commigo. — Não será um sonho? Será Deus ou o diabo que me facilita esta occasião?»

— Deve haver homens na casa da machina e outros de guarda — disse a miss Ruth. — Com quantos calcula que me encontre se descer agora?

Ruth recobrou animo ao ouvir me, e pareceu comprehender o que eu dizia.

— Jasper! — exclamou. — que vae fazer?

— Só Deus o sabe, mas... responda-me: Quantos homens terão ficado aqui.

Ficou pensativa. A expressão do seu rosto, porém, revelava-me quaes eram as esperanças que começava a conceber. Nenhum de nós se atrevia a falar do que em borbotões nos acudia á mente.

— Creio que ha cinco na casa da machina e seis de guarda.

Quando dizia isto parecia contal-os.

— Na porta, lá em baixo, que é a segunda do corredor, ha uma escada. Oh! Jasper, mas que vae fazer?

— Que vou fazer! Apenas isto: chegou o momento dos meus companheiros lhe agradecerem a hospitalidade. Trazel-os-hei aqui, a Seth Barker e aos outros, então — disse-lhe quasi em segredo — se a sorte nos fór favoravel, fecharemos as portas, e... Não me disse que haviam duas portas?

— Sim, disse, uma para os homens de Czerny, a porta pequena no recife; e a outra, para Czerny só, e que chamam porta grande. Oh! — exclamou depois com o rosto cheio de alegria — se pudesse realisar o que pensa, Jasper, se pudesse realisar...

— Antes que a noite acabe, saberemos se posso ou não realisar — repliquei um tanto seguro de mim. — Uma coisa, porém, é certo, é que o vou experimentar. Vale a pena, segundo creio. Não sáhia dos seus aposentos e não se dê por sabedora de nada do que occorer. O que ha a fazer lá em baixo, é só negocio para homens, e disponho de gente capaz para levar a cabo a minha idéa.

Isto parecia uma fanfarronada minha, mas não era. No momento em que as nossas vidas estavam á disposição de Czerny, no momento em que pensavamos em supplicar áquelle homem cruel que nos amparasse, vinha um barco naufragar no recife e os bandidos desappa-

reciam de casa, deixando-a quasi abandonada!

Não se ouvia ruido algum e sabia que os meus companheiros esperavam o meu signal. Tinha atraz de mim três homens valentes; o perigo fez-me ferver o sangue; tanto se me dava encontrar-me com homens como com demonios. Não é verdade que valia a pena arrastar tudo?

Tudo ou nada.

Tinha a mão na chave quando disse a Ruth que a empreza era propria para homens da nossa força, e sem esperar resposta, abri a porta e entrei na silenciosa sala que era de proporções colossaes.

Só um homem estava ali de sentinella, mas recolhido na sombra, não podia percebêr se estava ou não armado.

Vi unicamente que aquelle homem era o primeiro obstaculo para a minha liberdade e por isso, sem vacillar, atravessei a sala. Sabendo os riscos que corria, comprehendendo que uma palavra podia dar logar á voz de alarme que faria descer os guardas volantes que estavam lá em cima ao nivel do mar, apontei o revólver á cabeça da sentinella e fiz-lhe conhecer as minhas intenções, dizendo.

— Abre essa porta, Benno Regnarte.

Era um homem baixo de estatura, mas robusto, de cabello iriçado, e uma cara agradavel.

Tão de repente chegára ao pé d'elle, tão extranho lhe pareceu chamal-o pelo seu nome, que recuou dois passos encostando-se á porta de ferro, e ali ficou com a bócca aberta e olhar espantado como se tivesse visto um phantasma surgir terrivel na sua frente.

Não creio que n'este mundo tenha havido um marinheiro mais assustado do que aquelle.

Não podia articular uma palavra nem mesmo soltar qualquer som ou levantar um braço. Estava immovel como uma estatueta.

— Benno, abre essa porta — repeti, percebendo que tinha adinhado o nome d'aquelle homem. — Dou-te um minuto para obedeces.

A ameaça fez effeito. Sem pronunciar palavra, nem fazer o mais pequeno gesto, abriu a porta de ferro esperando que eu passasse.

— Agora — continuei — dá-me essas chaves e deita a andar deante de mim. Por Deus vivo te juro, que se soltas o mais pequeno grito, te faço saltar os miolos com um tiro.

Deu-me as chaves com a mão tão tremula, que as ia deixando cahir no chão.

Apezar da minha advertencia, murmurou qualquer coisa que me deu desejos de saber o que era.

— Sou amigo de madame Czerny — balbuciou elle — póde confiar em mim, senhor, pela misericordia de Deus, assim o juro, póde confiar em mim!...

— Quando ganhares a minha confiança, te agradecerei. Agora caminha na minha frente e não te esqueças do que te disse.

Deixei-o passar e depois fechei a porta de ferro atraz de nós.

Tinha de proteger miss Ruth contra os bandidos do

andar inferior. As lampadas do corredor continuavam ardendo, e aqui e ali, julguei vêr figuras que se moviam na sombra, mas nenhuma me sahiu ao encontro.

Quando cheguei ao grande quarto por onde tinha passado a primeira vez e que estava cheio de marinheiros, encontrei a porta aberta e lá dentro não havia mais que seis homens sentados em volta da mesa. Se me sentiram, não suspeitaram nada.

Parece-me que a idéa mais brilhante n'aquella noite, foi a que me occorreu no momento de estar em frente da porta aberta, contando os homens que Czerny havia deixado atraz de si para guardar a casa.

Com um impulso quasi impensado, deitei a mão á argola da porta, e fechei-a lentamente dando volta á chave que metti depois no bolso.

— Seis — disse eu para Benno Regnarte — contigo faz sete. Quantos mais ha agora cá em casa?

Levantou as mãos e começou a contar pelos dedos.

— Na casa das machinas, um, dois, três — disse — na escada póde haver dois, na porta grande outros dois. Ao todo, sete homens, senhor. Traz mais gente do que essa?

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.



Estabelecimento das aguas da Fuente Nueva de Verin

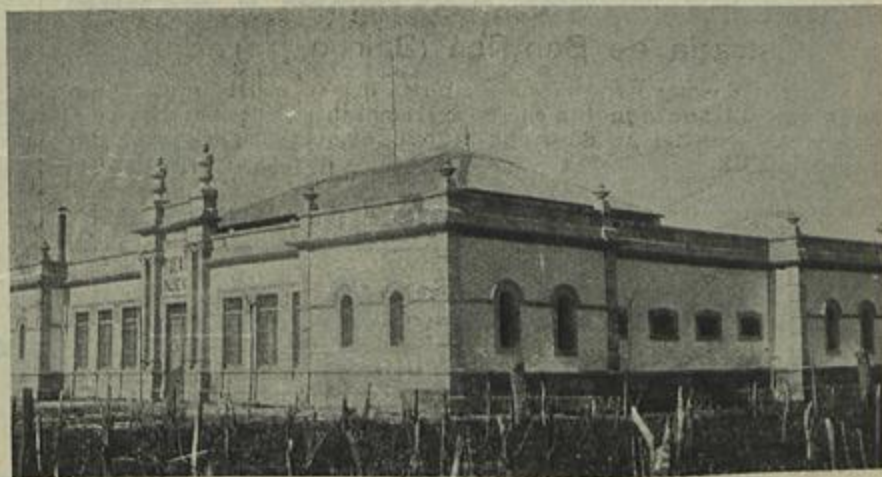
O tempo agora é de uso de aguas para tantas pessoas enfermas que as precisam no tratamento da saude, e por isso não é descabido, nesta época do anno, indicar uma das melhores aguas que se encontram na Peninsula, no pitoresco valle de Monterrey, na provincia de Orense, a menos de meio kilometro da vila de Verin, na Galiza.

O estabelecimento destas aguas, recentemente construido, é dos melhores do seu genero, lindamente situado e servido por larga estrada ensombrada por espesso arvoredor, que tão agradavel é á vista, como modifica os ardores do estio com suas frescas sombras.

O estabelecimento é uma completa instalação hidroterapica moderna, possuindo os mais aperfeiçoados aparelhos para duches dorsaes, lombares, abdominaes, totaes ou parciaes, frios, quentes, escocezes, semicupios, etc.

A sua direção está confiada a um distinto medico, o dr. José Eleizague que faz parte do Corpo de Banhos e da Beneficencia Municipal de Madrid, laureado pela Sociedade Ginecologica e pela Academia Medica de Sevilha, Sociedade Espanhola de Higiene, etc.

A superioridade d'estas aguas no tratamento nas dispepsias gastro-intestinaes, hapatites, rins, bleunorrhagia, cistites e todas as mais doencas de arthritismo, está comprovada por distintos medicos como são os srs. drs. Barral Filipe, Men-



EDIFICIO DO BALNEARIO DE VERIN

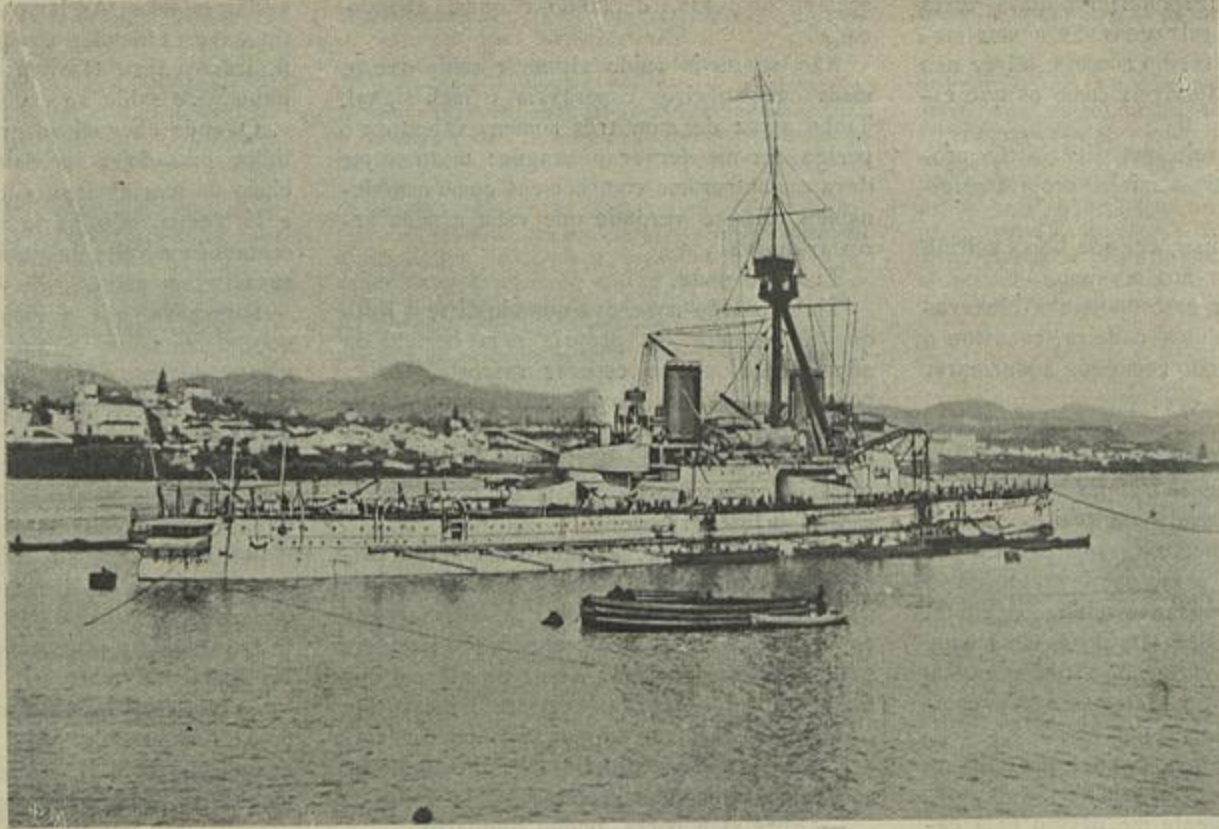
des Calado, Oliveira Luzes, Cardoso Tavares, Ferreira da Costa, Aires Cardoso, etc.

Ha a notar nas aguas da Fuente Nueva de Verin a sua extrema leveza, que as torna de facil digestão.

A viagem para as termas de Verin é rapida e económica, sendo feita pelo caminho de ferro do Douro. Em Verin encontra o aquista excelente hospedagem quer em hotéis de luxo quer em casas particulares.

As aguas de Verin tem hoje uma grande clientella que faz uso d'ellas todo o anno e para o que se encontram engarrafadas nos depositos da Empresa.

Em Lisboa é depositaria destas aguas a bem conhecida *Drogaria Silverio* da rua da Prata 229 e 231.



MARINHA DE GUERRA BRASILEIRA — O COURAÇADO «MINAS GERAES»

Marinha de guerra brasileira

O «Minas Geraes»

O formidável vaso de guerra a que o governo brasileiro deu o nome de *Minas Geraes*, um dos Estados mais ricos da grande Republica do Brasil, é dos mais poderosos *dreadnought* que tem sahido dos estaleiros de Inglaterra, e que ha pouco veiu aumentar a já considerável esquadra brasileira.

O seu armamento dá-lhe uma grande superioridade de combate, assim como de resistencia a sua couraça.

O *Minas Geraes* é de 19:281 toneladas; tem

152^m,40 de comprimento, entre prependiculars, por 26 de largura, contando 150 metros de quilha, com porões para duas a tres mil cento e sessenta toneladas de carvão. E' munido de maquinas alternativas de triplice expansão alimentadas por 18 caldeiras, podendo desenvolver a força de 23:500 cavalos, e alcançar a velocidade maxima de 21 milhas.

Seu armamento compõe-se de artilharia de grande calibre constante de 12 peças de 12 polegadas, e artilharia ligeira de 22 peças de 4 polegadas.

A sua guarnição de estado maior compõe-se de 56 officiaes e 31 officiaes inferiores com 480 praças, 38 engenheiros maquinistas e 222 fogueiros e chegadores.

O *Minas Geraes*, na viagem de Inglaterra para o Brasil, tocou em varios portos, sendo um delles o de Ponta Delgada.

A sua chegada ao Rio de Janeiro foi um dia de festa para a cidade, sendo saudado com o maior entusiasmo pelo povo fluminense.



Uma raposa bispou n'uma capoeira dez nedias patas.

Foi lá a primeira noite e trouxe consigo para a toca cinco patas. Voltou na segunda e trouxe de novo outras cinco. Mas no dia seguinte ainda estavam oito patas na capoeira, sem que ninguem as tivesse acrescentado. Como foi isto?

Querem saber? Vejam quantas patas pertencem organicamente á raposa!

Lisboa tragica

POR

Albino Forjaz de Sampaio

Editado pela acreditada Empreza Litteraria Fluminense — de que são proprietarios os nossos bons amigos Santos & Vieira — acaba de ser posto á venda o curiosissimo livro de impressões ácerca da capital. *Lisboa tragica* — escripto pelo moço e talentoso auctor das *Palavras cynicas* e das *Chronicas immorales*.

A fórma litteraria d'este escriptor — Albino Forjaz de Sampaio — de 1905 para cá tem-se tornado aprimoradissima, apezar do exotismo dos neologismos que em vez de apoucarem o valor da sua linguagem, mais o enaltecem.

Não é ideia do auctor d'estas pallidas linhas criticar o livro em questão, tarefa essa que compete a quem possúa meritos para tal empreendimento; cumpre-lhe apenas noticiar o apparecimento d'um livro original.

Livro forte e bizarro é este — que temos sobre a nossa banca de trabalho — em que as suas paginas se assimilham a fitas animatographicas, descrevendo todos os sonhos, todas as ambições, todos os defeitos e todos os desvarios d'uma grande capital. Desafortunados, pobres e burgue-

zes, toda essa gente apparece n'essas scintillantes paginas a referir as suas miserias, contar algo dos seus pesares. Desde o hospital e a cadeia até á vida opulenta, desde o vagamundo ao batoteiro, tudo alli se contém. Finamente observado, criticado, causticado esse exótico livro de Albino Forjaz de Sampaio, é um magnifico guia a uma cidade de miseria e dôr e cujo merecimento se pôde aquilatar pela descripção de alguns dos vinte e dois capitulos que constituem esse estranho livro que tão bem poz a par das *Palavras cynicas* e *Chronicas immorales* a que acima alludimos. Destacaremos d'esses capitulos: *Da loucura á enxovia*; os quatro estudos subordinados ao titulo geral de *Vidas sombrias, Gente de fogo, Comedia burgueza, Os Pobres e Depois da morte*, capitulo em que Albino Forjaz de Sampaio vae escarpellando a vida lisboeta, afivellando ao rosto a mascara da ironia dolorosa, estudando typos, costumes, com verdade bastante incisiva.

Esse primacial trabalho — que traz um soberbo retrato do auctor executado pelo notavel artista portuense Antonio Carneiro — é dedicado a Fialho de Almeida — o grande mestre da ironia — servindo-se Albino Forjaz de Sampaio das mesmas palavras que o ex-pamphletario d'*Os Gatos* usou quando offereceu a Camillo o seu delicioso livro de *Contos* publicado ha 29 annos.

Foi uma noticia pallidissima a que o OCCIDENTE publica; o auctor, porém, e os editores — a quem agradecemos os exemplares com que distinguiram respectivamente o noticiarista e o director d'esta revista — perdoar nos-hão a mesquinhez.

25 VII-CMX.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias. Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis